AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNEROS E FORMAÇÃO DE COSTUMES FAMILIARES NO INÍCIO DO SECULO XX

Jomar Ricardo da Silva*
Polyana Santos Cavalcante**
Ajanayr Michelly Sobral Santana***

RESUMO:

Este estudo tem como objeto as representações das relações de gênero e a introjeção de hábitos pelos indivíduos, utilizando como fonte o romance Clara dos Anjos do escritor Lima Barreto(1881-1922). Analisamos a formação de valores que determina a diferenciação de papéis entre homens e mulheres, através de um processo educacional que culminou na constituição de códigos sociais, a serem impostos pelos pais aos filhos e no caso deste romance, assimilados pelas personagens, Clara dos Anjos e Cassi Jones. Para a interpretação dos aspectos obtidos na pesquisa empírica, utilizamos os conceitos de representação em Roger Chartier(1990) e de configuração e habitus em Norbert Elias(2001). Conclui-se que ocorrem tensões no rendilhado social, entre indivíduo e sociedade, com a perspectiva da geração anterior tencionar conservar os seus valores, que culminava com a submissão e o conformismo da mulher.

PALAVRAS-CHAVE: *Representação, Gênero, Configuração, Mulher.*

SUMMARY:

The aim of the present study is to investigate both the representations of gender relations and the incorporation of habits by individuals, using the romance Clara dos Anjos of writer Lima Barreto (1881-1922). We analyzed the construction of values which have determined the distinct roles between men and women, through an educational process which has resulted in the building of social codes to be imposed on children by their parents; in the case of the romance, to be assimilated by the characters Clara dos Anjos and Cassi Jones. To interpret the aspects obtained from the empirical research, we applied the representation concepts of Roger Chartier (1990) and those of configuration and habit by Nobert Elias (2001). We concluded that there are tensions between the individual and the society in the social environment, as the previous generation tends to preserve values which resulted in women's submission and conformism.

KEY WORDS: Representation, Gender, Configuration, Woman.

* Professor Doutor pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.
** Graduanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.
*** Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

RÉSUMÉ:

Les représentations des relations de genre et l'introjection d'habitudes par les individus sont l'objet de cette étude. Pour l'analyse nous avons pris le roman Clara dos Anjos de l'auteur Lima Barreto (1881-1922) où nous avons analysé la formation de valeurs qui détermine la différenciation de rôles entre les hommes et les femmes, à travers une procédure scolaire qui a culminé dans la constitution de codes sociaux à être imposés par les parents à leurs enfants. Dans ce roman, nous avons observé ce phénomème par les personnages, Clara dos Anjos et Cassi Jones. Pour l'interprétation des aspects obtenus dans la recherche empirique, nous avons utilisé les concepts de représentation de Roger Chartier (1990) et la configuration et l'habitus de Norbert Elias (2001). Notre conclusion, c'est qu'il y a des tensions dans le réseau social entre l'individu et la société, dans cette perspective, la génération précédente a l'intention de conserver leurs valeurs qui culminaient avec la soumission et le conformisme de la femme.

MOTS-CLÉS: *Représentation, Genre, Configuration, Femme.*

Considerações iniciais

Nosso estudo, orientado por formulações teóricas sobre representação e configuração, volta-se para destacar formação de valores que determinaram a diferenciação de papéis entre homens e mulheres, através de um processo educacional que culminou na constituição de códigos sociais, a serem impostos pelos pais aos filhos. Aspectos que marcaram a construção da representação e relação de gênero de Clara dos anjos e Cassi Jones, personagens do romance Clara dos Anjos de Lima Barreto.

Afonso Henrique de Lima Barreto nasceu em 1881, no Rio de Janeiro. Neto de escravos e filho do tipógrafo João Henrique Lima Barreto e da professora primária Amália Augusta Barreto, ficou órfão materno aos sete anos de idade. Essa perda o seguiria pelo resto da sua vida, pois devido a esse acontecimento Lima Barreto foi levado a ter um comportamento diferente das pessoas de sua faixa etária. "Firmou-se o meu caráter, desgosto pela vida, e retraimento. Chegaram-me o tédio, o cansaço da vida e uma certa misotropia." (BARBOSA, 2002, p.169).

Suas obras e consciência étnica estavam no âmbito da realidade que dela emerge e que com ela dialoga. Seus escritos registram os acontecimentos sociais resultantes das redefinições sucedidas no país e no mundo, durante a segunda metade do século XIX.

Foi a partir de 1904 que o autor começou a escrever seus romances, e os primeiros anos do regime republicano foram para as páginas dos seus escritos, seja em forma de ficção ou de crônica jornalística.

Lima Barreto retratou em sua obra a cidade do Rio de Janeiro, com as tensões sociais peculiares ao período dos primeiros vinte anos da República. As suas personagens traziam os mesmos problemas que os membros dessa sociedade vivenciavam. Morreu em 1922, ainda jovem, aos 42 anos, em vista a complicações provocadas por excesso de bebida alcoólica, de colapso cardíaco, sem o reconhecimento literário que tanto almejou para si.

1. Representação e configuração

Para a construção teórica da pesquisa, alguns conceitos foram fundamentais, entre eles estão: representação e configuração, dos autores Roger Chartier (1990) e de Norbert Elias (2001), respectivamente. A partir desses conceitos compreendemos como se efetivou uma representação das relações de gênero nas obras do escritor.

Atinente à representação, na perspectiva de se investigar esse processo, a história cultural contribui pela definição do seu objeto. A sua preocupação está centrada na busca da compreensão dos motivos das posições e interesses dos atores sociais que designam a realidade a partir de sua cosmovisão (cf.: CHARTIER, 1990, p.19). Enquanto operacionalização metodológica dessas representações sociais, como categorias para apreensão do real, Chartier (1990, p. 23) enumera três possibilidades: delimitações das configurações, com as quais são construídas, por diversos grupos, a realidade social; reconhecimento da identidade social que mostra a maneira peculiar de estar no mundo e as posições idiossincráticas, e as formas institucionalizadas que alguns "representantes" marcam a existência do grupo, classe ou comunidade.

Roger Chartier considera as representações como uma realidade produzida pela subjetividade dos indivíduos, sendo as relações sociais possuidoras de materialidade tão concreta quanto "os dados materiais, físicos, corporais, percebidos na imediatez da experiência sensível." Desse modo, as representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de uma análise fundada na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam a seu favor. Segundo o autor

> O objeto da história, portanto, não são, ou não mais, as estruturas e os mecanismos que regulam fora de qualquer controle subjetivo às relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos. (CHARTIER, 1994, p.2).

Chartier ressalta que para a 'história ciência social', "os indivíduos estão sempre ligados por dependências recíprocas, percebidas ou invisíveis, que moldam e estruturam sua personalidade e definem, em suas modalidades sucessivas, as formas da afetividade e da nacionalidade." (CHARTIER, 1994, p.7).

Dessa forma podemos então demonstrar o conceito de representação, que é entendida como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real, que permitem a reconstrução de um dado momento histórico através da utilização de representações como objeto de estudo histórico.

Para obtermos as análises das configurações das relações de gênero, no final da segunda metade do século XIX e início do século XX, utilizando a obra de Lima Barreto como fonte histórica, tornou-se necessário considerar as mudanças ocorridas nas esferas da sensibilidade e do comportamento, que naquele momento se estruturavam, sob duas tendências: a formação do Estado, responsável pela pacificação da esfera social, oriunda do monopólio da força, e o controle das emoções e dos afetos que emanam da intensificação das relações interindividuais (cf: CHARTIER, 1990, p.109).

Em se tratando da noção de configuração, temos o registro de que as representações das relações de gênero em Lima Barreto não podem ser consideradas simples epifenômeno da consciência, que leva-nos a ignorar a relação existente entre sociedade e indivíduo e a não compreender o fator fundamental: a formação social, que é forjada por uma rede de interdependências de conflitos, que para se reproduzir supõe "um entrançado flexível de tensões" (ELIAS, 1970, p. 142). Então, a tarefa é "saber de que modo e por que os indivíduos estão ligados entre si, constituindo, assim, figurações dinâmicas específicas. Só é possível a pista de uma resposta para tal questão se determinarmos as interdependências entre indivíduos" (ELIAS, 2001 a, p.213-214).

Elias professou que o ofício do sociólogo é realizar a análise dessas configurações específicas, envolvendo indivíduos entretecidos em malhas do contexto social. As relações entre estes se dão de tal forma que suas ações não obedecem às deliberações de vontades particulares, mas emanam das regras estabelecidas pelas relações sociais de pura concretude.

Ao Estado é resguardada a prerrogativa de elaborar novos códigos de conduta, a ponto de Norbert Elias considerar as cortes absolutistas européias lugares onde se produziu maior grau de igualdade "entre as esferas da vida de homens e mulheres" (ELIAS, 1993, p.77). Ele concede à família a legitimação para se fazer a única instituição responsável pelos enclaves sexuais e "todas as funções íntimas de homens e mulheres" (ELIAS, 1994, p.187). É no seu interior, através da assimilação de idéias e valores, dos exemplos costumeiros dos pais, que os indivíduos aprenderão os padrões proibitivos. Posta a separação entre o público e o privado, irão introjetando as normas, criando assim um autocontrole. Esse processo de "adestramento" se arrasta pela vida inteira do individuo, que não precisará mais de coerção para submeter suas paixões às regras sociais, pois ele qualifica-se como seu próprio controlador. Torna-se um sujeito civilizado.

2. Representação e relação de gênero em Clara dos Anjos

No romance Clara dos Anjos (1994), Lima Barreto traça o perfil da mulher na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX, mostrando a visão de uma sociedade patriarcal e discriminadora.

Clara dos Anjos, filha do carteiro Joaquim dos Anjos e de D. Engrácia, recebeu uma educação familiar que representa a vida das moças pobres e mulatas que moravam nos arrabaldes da cidade. Ela era tratada pelos pais com cuidados, não podendo sair de casa sozinha, a não ser com seus pais ou com uma viúva, D. Margarida, amiga da família. Vivia em casa e tinha pouca ou nenhuma relação com moças e rapazes da sua idade; tinha mais relação com pessoas mais velhas, amigos da família, mas estes não falavam de coisas do mundo na sua frente, por considerá-la jovem demais:

> Era tratada pelos pais com muito desvêlo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou pai, só saia com Dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras. No mais, isto era raro e só acontecia aos domingos, Clara deixava, as vezes a casa paterna, para ir ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, quando a sua professora de costura se prestava acompanha-la, porque Joaquim não se prestava, por não gostava de sair aos domingos, dia escolhido a fim de se entregar ao seu prazer predileto de jogar o solo com os companheiros habituais; e sua mulher não só não gostava de sair aos domingos, como em outro dia da semana qualquer. Era sedentária e caseira. (BARRETO, 1994, p. 18-19).

A preocupação dos seus pais era que a filha não fosse desonrada, vítima da insídia de um janota que lhe pudesse impingir mácula ao seu caráter. Entretanto, o recato em excesso restringia as configuração que a personagem poderia estabelecer através de outras amizades e companhias. Até os lugares sociais que deveria contribuir para ampliação de suas relações sócias, representados na pouca freqüência em lugares públicos, como o cinema, devido ao resguardo da companhia de uma pessoa de confiança da família, D. Margarida, não propiciava um meio para a criação de novas interdependências. Com isso, a sua educação estava limitada às dimensões familiares:

> Essa reclusão e, mais do que isso, a constante vigilância com que sua mãe seguia os seus passos, longe de fazê-la fugir aos perigos a que estava exposta a sua honestidade de donzela, já pela sua condição, já pela sua cor, fustigava-lhe a curiosidade em descobrir a razão do procedimento de sua mãe. (BARRETO, 1994, p.54)

Essa citação revela como a família utilizava determinados procedimentos para estabelecer um melhor controle sobre os filhos, aqui, especificamente, a personagem Clara dos Anjos. E assim, como afirmava Althusser (1992, p. 70), "moldam por métodos próprios", com objetivo de reprimir o comportamento dos membros familiares.

Por sua vez, Cassi Jones, personagem com a qual Clara dos Anjos estabelece uma configuração de caráter amoroso, teve uma educação descuidada. O termo usado por Lima Barreto é "descurado", exatamente o contrário do que ele utilizou para Clara, "desvelo":

> A sua educação e instrução foram deveras descuradas. Primeiro nascido do casal, quando nas exigências da manutenção da família obrigavam seu pai a trabalhar dia e noite, não pôde este, pois poucas horas passava em casa, vigiá-las convenientemente. Rebelde, desde tenra idade. A doçura para com ele, por parte da mãe, e os prejuízos dela impediram-na que o corrigisse convenientemente, assiduamente, no tempo próprio. Não ia ao colégio; fazia "gazeta", correndo pelas matas das cercanias da residência dos pais, então em Itapiru, com outros garotos. O que faziam, pode-se adivinhar; mas a mãe fingia não perceber, passava a mão pela cabeça do filho querido, nada dizia ao pai, que quase mourejava durante as vinte e quatro horas ao dia. Cresceu assim, sem nenhuma força moral que o comprimisse; e o pai seria a única (BARRETO, 1994, p. 33-34)

Lima Barreto, ao explicar as razões do descuido na educação de Cassi Jones, fala da ausência do pai, que trabalhava por longas horas durante o dia e a noite, sendo levado a se distanciar do filho. Sem a presença paterna para vigiar e admoestá-lo, teve na mãe uma pessoa que o adulou e não o corrigiu quando se fez necessário.

Clara do Anjos e Cassi Jones encontravam-se em processo educativo. Assim, a personagem feminina, por não ter uma educação voltada para a realidade em que vivia, não poderia ter amadurecido e tido o discernimento sobre as intenções de Cassi. Por sua vez, este, com a formação que recebeu, principalmente da mãe, não poderia crescer e agir de outra maneira, "sem nenhuma força moral". Ambos foram educados para representarem involuntariamente os papéis, com suas particularidades de homem e mulher, respectivamente como Cassi e Clara.

A introjeção de uma aprendizagem se faz com tanta eficácia no indivíduo, que chega a ser considerada uma segunda natureza. É por isso que se passa a considerar, aos olhos do senso comum, determinados comportamento e valores adquiridos como uma realidade naturalizada, algo imanente ao indivíduo.

> Engrácia, cujos cuidados maternos eram louváveis e meritórios, era incapaz do que é verdadeiramente educação. Ela não sabia apontar, comentar exemplos e fatos que iluminassem a consciência da filha e reforçassem-lhe o caráter, de forma que ela mesma pudesse resistir aos perigos que corria (BARRETO, 1994, p. 54).

D. Engrácia, mãe de Clara, tinha medo do que poderia acontecer com a filha, por isso a mantinha sob restrita vigilância. Não deixar Clara sozinha e não permiti-la sair com outras amigas fazia parte da disciplina familiar. Para Foucault (1999, 177-78) a disciplina é uma modalidade de exercício do poder, que está no cerne das instituições, e no caso específico da família, um modo

> de organizar seus mecanismos internos de poder (um dia se precisará como as relações intrafamiliares, essencialmente na célula pais-filhos, se 'disciplinaram', absorvendo desde a era clássica esquemas externos, escolares, militares depois médicos, psiquiátricos, psicólogos, que fizeram da família o local de surgimento privilegiado para a questão disciplinar do normal e anormal).

Na convivência entre mãe e filha estabelece-se uma relação de poder através de uma disciplina, caracterizada por uma grande vigilância da mãe sobre a filha. A maneira como ela exercia essa modalidade de poder, a disciplina, era manter Clara sob seus olhares. E olhares maternos estão postos no cotidiano da casa, da família, observando os pequenos gestos da filha, aparentemente um olhar sem pretensões de controle, mas de grande eficácia, pois segundo Foucault (1999), "as disciplinas íntimas, os panoptismos de todos os dias podem muitos bem estar abaixo do nível de emergência dos grandes aparelhos e das grandes lutas políticas". (p. 184).

Para tanto, com essa reclusão e a falta de uma educação adequada, a filha de D. Engrácia, Clara "não podia adquirir uma pequena experiência da vida [...] a sua pequenina alma de mulher, por demais comprimida, havia de se extravasar em

sonhos, em sonhos de amor" (BARRETO, 1994, p. 54). E nessas ilusões de amor deixa-se seduzir por Cassi Jones e engravida dele, que conhecendo bem o perfil das suas vítimas, fez de tudo para atingir seu objetivo e não arcar com as conseqüências. No caso de Clara dos Anjos, ele foge do Rio de Janeiro para São Paulo.

Só depois de grávida e humilhada pela mãe de Cassi Jones foi que Clara dos Anjos percebeu como a sua educação foi errônea e sua condição de mulata e pobre era discriminada na sociedade:

> Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. [...] A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente [...] (BARRETO, 1994, p.132)

Nessa citação, Clara percebe a sua real condição na sociedade; ir em busca de justiça na casa "da mãe do seu algoz" lhe trouxe o conhecimento de que "não era uma moça como as outras". Esse acontecimento demonstra como o significado da representação adquire uma concepção de materialidade. A sua nova situação, conhecida através da dor da rejeição, mostra que os valores sociais que a sociedade construiu e as transgressões às normas são punidas pelo cerceio moral e a discriminação.

Ao chegar a casa, depois de ser ofendida, conta o acontecido a sua família e conclui de modo pungente: "– Mamãe! Mamãe! Nos não somos nada nesta vida" (BARRETO, 1994, p. 133). Consciente agora da sua situação na sociedade, Clara expõe a mãe a sua real condição na sociedade, consequência dos valores sociais da época incutidos na educação familiar que recebeu.

Considerações finais

Na análise da obra de Lima Barreto percebemos a preocupação com a temática relacionada à relação de gênero, tratando em denunciar o preconceito racial e a dominação masculina. Ele se opõe ás concepções negativas sobre as mulheres, denunciando a exclusão social na sociedade brasileira, nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, enfocamos a questão da condição da mulher, quando

vítimas de preconceito, em que são representadas pelo escritor através das suas personagens.

Na obra Clara dos Anjos, a análise identificou a situação da personagem Clara dos Anjos, uma mulata que depois de ser abandonada por Cassi Jones, e humilhada pela mãe dele, toma consciência de sua posição social e étnica na sociedade, e se considera diferente das outras moças.

Um dos pontos principais abordados no romance foi a questão da educação familiar recebida pela personagem feminina, que não foi adequada para a realidade em que vivia, já que se limitou às dimensões familiares, o que restringiu as configurações que poderia estabelecer com outras amizades e companhias. Por outro lado, Cassi Jones, personagem que Clara dos Anjos estabeleceu uma configuração amorosa, recebeu uma educação mais descuidada. Mas, ambos foram educados para representarem seus papéis de homem e mulher na sociedade.

Para tanto, constatamos que a educação age como fator principal para moldar o caráter das personagens retratadas no livro. E a família como instrumento do qual a sociedade se utiliza para a reprodução de comportamentos e valores. Na obra, as convivências familiares possibilitaram estabelecer uma relação de poder através de uma disciplina, caracterizada por uma grande vigilância da mãe sobre a filha. Essa vigilância não permitiu que a personagem feminina adquirisse uma experiência de vida, o que a fez ser facilmente persuadida por Cassi Jones. E só depois de humilhada pela mãe de Cassi e que Clara percebe e expõe a sua mãe como pessoas como elas eram vista na sociedade da época.

O romance Clara dos Anjos de Lima Barreto, que demonstramos neste artigo, faz com que se confirme a presença dessa temática dentro da literatura brasileira, apontando para uma problemática tão discutida nos dias atuais, e que, portanto, faz-se presente há muito na sociedade do Brasil. Assim, observamos que a mulher é vítima de preconceito, por ser educada diferente nas relações de gênero, estando inseridas dentro de códigos sócias da sociedade do século XX. O romance em questão aborda um tema nos leva para uma reflexão das representações que diferenciavam homem e mulher na sociedade brasileira

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado:* notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2.ed.Rio de Janeiro: Edições Graal. 1992.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto* (1881-1922). 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Romance. São Paulo: Editora Ática, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural:* entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990. (Col. Memória e Sociedade).

_____. *A História Hoje:* duvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 7, no. 13, p. 1-12 1994.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador:* uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v.1.

_____. *Introdução à Sociologia*. Trad. Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: edições 70, 1970.

_____. *O processo civilizador:* A formação do Estado e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar. 1993, v. 2.

_____. *A sociedade de corte*: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOLCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão.* 21.ed. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1999.